

ESCOLA DE HUMANIDADES
CURSO DE ESCRITA CRIATIVA

GABRIELA TRINDADE NUNES

A REALIDADE CRUEL DAS DISTOPIAS: A LITERATURA COMO ALEGORIA

Porto Alegre
2023

GRADUAÇÃO



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

GABRIELA TRINDADE NUNES

A REALIDADE CRUEL DAS DISTOPIAS
A LITERATURA COMO ALEGORIA

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado à Escola de Humanidades, Curso de
Escrita Criativa, da Pontifícia Universidade
Católica do Rio Grande do Sul, como requisito
parcial para obtenção do grau de Tecnólogo em
Escrita Criativa.

Orientador: Professor Dr. Altair Martins

Porto Alegre

2023

GABRIELA TRINDADE NUNES

A REALIDADE CRUEL DAS DISTOPIAS
A LITERATURA COMO ALEGORIA

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado à Escola de Humanidades, Curso de
Escrita Criativa, da Pontifícia Universidade
Católica do Rio Grande do Sul, como requisito
parcial para obtenção do grau de Tecnólogo em
Escrita Criativa.

Aprovada em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Altair Teixeira Martins

Prof. Dr. Bernardo José de Moraes Bueno

Profa. Dra. Moema Vilela

Porto Alegre

2023

Aos meus pais, que não sabem muito bem o que eu faço, mas me apoiam mesmo assim. E para as minhas amigas, que me acompanham em cada passo e cada surto.

AGRADECIMENTOS

Nunca entendi a moral dos agradecimentos até agora. Nunca pensei que teria o que dizer ou mesmo alguém para agradecer. Mas aqui estamos. Primeiramente gostaria, é claro, de agradecer à minha mãe e ao meu pai, que me acompanham em cada jornada traçada. Em segundo lugar gostaria de agradecer às minhas amigas Alice e Gabriella, que vivem comigo em cada erro e me inspiram a continuar sempre seguindo em frente. Agradeço aos meus amigos que me acompanharam de perto nessa jornada final do último semestre: Gabriela, Renata e Richard. Sem eles as aulas não seriam as mesmas, e a PUCRS não seria a mesma. Nada seria o mesmo.

“Nada mais importante para chamar a
atenção sobre uma verdade do que exagerá-la.
Mas também, nada mais perigoso [...]”

Antonio Candido

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso teve sua origem inicial a partir de uma curiosidade quanto aos estudos da relação entre literatura e sociedade, literatura e realidade, e pelo interesse pelo ponto de vista distópico. Tendo em mente como principal objetivo discutir sobre a proximidade do gênero literário distopia com a nossa realidade, e sua funcionalidade como crítica social, parte-se da leitura do livro *O Conto da Aia*, de Margaret Atwood (por uma questão de proximidade e entendimento com os temas nele retratados). Para o estudo teórico da relação de literatura e sociedade foi escolhida a obra *Literatura e Sociedade*, de Antonio Candido. Entre as conclusões possíveis (e provisórias) está o fato de que o gênero distopia não consegue fugir da condição de produto da sociedade contemporânea e seus problemas. Toda obra distópica atual pode ser vista, enfim, como um reflexo da sociedade à qual está inserida, trazendo luz aos problemas sócio-políticos que os autores identificam e ficcionalizam.

Palavras-chave: Escrita Criativa. Distopia. Margaret Atwood. Fantasia.

ABSTRACT

This project originally initiated from an interest related to the studies of the relation between literature and society, literature and reality, and also an interest towards the dystopian perspective. Having in mind the main objective of discussion about the juxtaposition between the literary genre dystopia and our reality, and how it works as a manner of social criticism, taking in use the reading of the book *The Handmaid's Tale* by Margaret Atwood (as a result of a proximity and better understanding of the topics referred to). For the theoretical study of the relation between literature and society, it was chosen the book *Literature and Society* by Antonio Candido. Alongside the possible conclusions (and provisory) lays the fact that the genre dystopia can't be away from de condition of a product of the contemporary society and its problems. Ultimately, every current dystopian work can be seen as a reflexion of the society in which it's inserted into, bringing light to the sociopolitics problems the author deems important enough to identify and fictionalize.

Keywords: Creative Writing. Dystopia. Margaret Atwood. Fantasy.

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	13
2 O IMPACTO DE “O CONTO DA AIA”	14
2.1 DISTOPIA	15
3 CRIATIVO	21
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS.....	42

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Como este trabalho é dividido em duas partes, irei explicá-las brevemente. Para a parte teórica escolhi utilizar o livro *O conto da Aia*, de Margaret Atwood (2003), para realizar uma análise do gênero literário distopia, e sua funcionalidade como crítica e alegoria de nosso mundo. A base teórica dedica-se ao estudo da obra *Literatura e Sociedade*, de Antonio Candido (1980), e de outras que serão mencionadas ao longo deste ensaio.

Durante a realização da parte criativa deste projeto, iniciei um romance de fantasia distópica, com a pretensão de ele se desenvolver em outros dois livros para a continuação da história. A narrativa gira em torno de Gaia, uma elemental da Terra que vive em uma aldeia no Rio Grande do Sul, na região onde atualmente seria Porto Alegre. Gaia e alguns de seus amigos fazem parte de uma nova geração de elementais que são conhecidos como os novos grandes guerreiros, sendo assim eles se sentem responsáveis por ir em busca de algumas crianças que desapareceram na aldeia.

Para mim elementos importantes para a criação foram: o protagonismo feminino, lendas brasileiras que eu ouvia e lia quando criança, e o uso dos quatro elementos – fogo, terra, água e ar – além da conexão mística entre a natureza e os personagens, que, desde o início da escrita, eu já sabia que queria presentes. Ao longo da criação surgiu a vontade de usar o espaço sul do país e uma dinâmica de abuso de poder em diferentes ambientes dentro da narrativa.

Assim como outros artistas, parte do que me inspira a escrever é justamente o que eu consumo, sendo em sua maioria fantasia, distopia, suspense e ocasionalmente poesia. Isso considerando apenas a literatura, claro. Sendo assim, o insólito acaba aparecendo em minhas narrativas na maioria das vezes. Então, quando decidi que iria escrever um romance, foi de maneira natural que a fantasia entrou em ação nas primeiras páginas. Alguns aspectos que eu, de modo consciente, me propus a introduzir foi o linguajar regional de Porto Alegre, e alguns aspectos que desejo desenvolver ao longo da história seriam a inclusão de lendas brasileiras, como por exemplo a Mula sem cabeça, Saci Pererê e a Caipora. Em resumo, afirmo pretensiosamente que estou produzindo as histórias que eu tanto gosto de ler, com mais proximidade de onde e do que eu vivo.

2 O IMPACTO DE “O CONTO DA AIA”

“Conto, em vez de escrever, porque não tenho nada com o que escrever, e de todo modo, escrever é proibido. Mas se for uma história, mesmo em minha cabeça, devo estar contando-a para alguém. Você não conta uma história apenas para si mesma. Sempre existe alguma outra pessoa” (ATWOOD, p.52, 2003)

Mesmo que de modo inconsciente, buscamos na mídia que consumimos uma representação de alguém com quem possamos nos identificar, seja no personagem principal, em um antagonista ou figurante. Independentemente, buscamos uma história que seja próxima de nossa verdade, que seja verossímil para conosco. Percebi por minha parte que essa busca se tornou mais consciente com o passar dos anos: quando antes eu gostava de assistir a qualquer categoria de filme, alguns começaram a me entediar, principalmente aqueles em que havia pouco ou nenhum protagonismo feminino. Em contrapartida, na literatura eu já tinha a forte tendência de consumir, em sua maioria, protagonismo feminino e próximo à minha idade, como por exemplo *Moxie*, de Jennifer Mathieu, *Príncipe Cruel*, de Holly Black, *Corte de Rosas e Espinhos*, de Sarah J. Maas, e tantos outros. Acredito que isso se ocorra porque na leitura podemos nos conectar de modo mais profundo com a história e, conseqüentemente, com os personagens.

Eu sempre tive um grande interesse por histórias distópicas, mas nunca havia de fato lido um livro estritamente desse gênero. O único de que consigo me recordar foi *Graça e Fúria*, de Tracy Banghart, que se encaixa mais no gênero de fantasia do que no de distopia (ele também retrata uma sociedade que segrega as mulheres em castas, assim como em *O conto da Aia*). Devo admitir que, apesar do livro parecer uma escolha óbvia e da qual eu iria mais certamente gostar, demorei para assumir a leitura, como se fosse uma responsabilidade começar a ler e que eu precisaria de mais tempo, ou maturidade. Então, na hora de escolher um tema para esse projeto, não foi difícil pensar no livro de Atwood como objeto de análise.

Tendo sua primeira publicação em 1985, a história se passa na república de Gilead, onde atualmente conhecemos como Estados Unidos, e segue do ponto de vista de Offred (o prefixo *of* do inglês indica pertencente a, no caso Fred seria o “dono” da nossa protagonista), uma Aia que é designada à casa de um Comandante para lhe dar filhos, já que sua esposa não podia engravidar. Os desdobramentos e funcionamentos da nova forma de sociedade são rapidamente explicados, e fica claro: Offred não tem opção senão aquela ou a morte. Então ela segue o dia a dia de simplicidade e submissão: os dias são os mesmos, regados a silêncio durante as tarefas simples delegadas às Aias. “Como eu costumava desprezar esse tipo de conversa. Agora anseio

por elas. Pelo menos eram conversas. Uma troca, por menor que fosse.” (ATWOOD, p.19, 2003).

Conforme me aprofundo mais em meus estudos e leituras, não posso deixar de pensar, por vezes, na literatura como um ofício arcaico a que só os grandes artistas da Antiguidade obtinham o acesso, mas ao contrário das grandes esculturas e pinturas, cai sobre mim a impressão de que a arte da literatura parou de ser consumida e valorizada por parte de nós consumidores-leitores. Afinal, é mais fácil apreciar uma escultura ou uma pintura por alguns minutos do que mergulhar na imensidão de palavras que cabem dentro de um livro. Claro que isso também está atrelado às nossas formas de mídia da atualidade, como televisão e redes sociais, e ao modo como elas afetam o nosso período de atenção, mas não é sobre isso que este ensaio se trata. Entretanto, mesmo com as alterações nas formas das mídias atuais, ainda recorremos com frequência à literatura como meio de comunicação para compreensão crítica da contemporaneidade (a literatura ainda é considerada um modo culto comparado a outros recursos, como as redes sociais, por exemplo).

Julgo muito corajoso e importante quando autores relatam em seus livros a realidade das coisas cruéis como elas são. Cruéis. Sem romantizar ou tentar diminuir. E Atwood o faz de modo voraz, trazendo uma certa aflição ao leitor.

2.1 *DISTOPIA*

“O romance distópico pode então ser compreendido enquanto aviso de incêndio, o qual, como todo recurso de emergência, busca chamar atenção para que o acontecimento perigoso seja controlado, e seus efeitos, embora já em curso, sejam inibidos.” (HILÁRIO, p.202, 2013)

Distopia, etimologicamente, significa lugar ruim, ou até mesmo lugar disfuncional (do grego *dys*: ruim, mal; *topos*: lugar;). Compreendida por Tom Moylan (2000) como uma sociedade inexistente, localizada em um tempo e espaço nos quais o leitor consegue enxergar uma estrutura social visivelmente pior que a sociedade na qual ele vive. Contudo, ao contrário do que muitos creem ser verdade, apesar dos gêneros *distopia* e *utopia* serem opositores, a palavra distopia em verdade não diverge tanto da (também grega) utopia (*u* – negação, não existente; *topos* – lugar;) cujo significado literal seria lugar não existente, lugar nenhum ou até

mesmo um não-lugar. O gênero literário utopia se originou graças a Thomas More, que se apropriou da palavra para nomear sua obra *Utopia* (1516), a qual apresenta ao leitor uma sociedade perfeita, sem conflitos. O impacto da obra foi tal, que o gênero utopia foi nomeado graças a ela. Em resumo, tomemos a distopia como um pessimismo exagerado quanto ao futuro, e a utopia como sua versão exagerada de otimismo. Independentemente das duas serem opostas, elas se conversam na mesma afirmação: no presente momento há falhas.

Seria então possível afirmar que os dois gêneros, com suas particularidades, podem servir como ferramentas de crítica e como alegorias da realidade (extraliterária), conjugando literatura e sociedade, como bem discute o professor e crítico Antonio Candido em sua obra *Literatura e Sociedade*.

O trecho “O primeiro passo (que apesar de óbvio deve ser assinalado) é ter consciência da relação arbitrária e deformante que o trabalho artístico estabelece com a realidade mesmo quando pretende observá-la e transpô-la rigorosamente, pois a mimese é sempre uma forma de poiese.” (CANDIDO, p.12, 1980), nos lembra que a literatura, mesmo contendo uma crítica ou alegoria, não pode ser considerada literal muito menos um relato factual de acontecimentos, pois toda arte depende da percepção que o artista tem sobre sua realidade, ou sobre uma realidade, para ser produzida. Durante a minha leitura de *O conto da Aia* mantive em mente o comentário da autora sobre o livro “[...] quando eu escrevi O conto da aia, nada entrou no livro que não estivesse na vida real em algum lugar e algum momento” (ATWOOD, 2003). A autora nos apresenta uma narrativa forte sobre o lugar que as mulheres ocupam em uma sociedade ditatorial que se apropria da religião como embasamento e justificativa de suas atitudes. Tornou-se, então, quase impossível para mim não relacionar os acontecimentos do livro com momentos tanto atuais como passados da nossa sociedade.

Como exemplo, trago a divisão das mulheres em castas na narrativa, ilustrando as principais que vemos no livro: as Esposas, casadas com os homens de alto poder na sociedade; as Aias, cuja única utilidade é a reprodução; as Marthas, que são responsáveis por cuidar das casas dos homens de alto escalão; e as Não Mulheres, que são as mulheres inférteis, as feministas, “traidoras de gênero”, traidoras religiosas e políticas. Mas, para entendermos essa divisão, é preciso entender como é formada a estrutura de Gilead, como agora é chamado os Estados Unidos pós-guerra, sofrendo de um surto de infertilidade entre as mulheres (causada pela poluição do ar). Como sabemos, durante a história do mundo se perpetuou por muito tempo, e se perpetua ainda hoje, a separação das mulheres conforme seu setor social: as mulheres nas camadas mais baixas da sociedade eram direcionadas para o trabalho braçal, e as mulheres nos lugares mais altos, como as filhas dos grandes mercadores, eram criadas para se

casar com o melhor pretendente para perpetuar ou aumentar a riqueza familiar. Mesmo tendo um status alto na sociedade, as mulheres ainda eram designadas ao lugar onde os homens achavam que elas serviriam melhor, sem escolha ou opção.

Os homens, na narrativa, também são separados em uma hierarquia, sendo eles os Comandantes, que ocupam o cargo mais alto no exército assim como na sociedade; os Anjos, que ocupam o lugar de importância logo abaixo dos Comandantes; e os Guardiões, que são designados para trabalhos mais frívolos e domésticos. E, claro, se tratando de uma sociedade nas qual os costumes são radicalmente mudados quase que da noite para o dia, temos Os Olhos, que são vigias responsáveis por garantir que as coisas permaneçam em ordem.

Essa dinâmica nos é apresentada cedo na leitura, para que não haja dúvidas futuras quanto ao funcionamento da república de Gilead. Tomemos Os Olhos como objeto em sua função vital, a de observar e assegurar a ordem e o comportamento, punindo aqueles que não seguem o que lhes é ditado: é a mesma dinâmica que encontramos em outros livros distópicos como *Jogos Vorazes*, de Suzanne Collins (2008), servindo esse aspecto servindo como exemplo de como a literatura é um reflexo do que ocorre na nossa realidade, nesse caso, se assemelha a características de regimes autoritários vividos em épocas não tão distantes assim do século XXI. “Mas, ao vermos isso, ainda não estamos nas camadas mais fundas da análise - o que só ocorre quando esse traço social constatado é visto funcionando para formar a estrutura do livro.” (CANDIDO, p.6, 1980)

O conto da Aia funciona com relatos do presente e recordações do passado, sendo esse dividido em duas partes, as quais eu vou explicar neste ensaio como Antes e Depois. Nas recordações do Antes, Offred conta ao leitor como era sua relação com a mãe, com sua amiga Moira, e com seu marido. Conta como vivia uma vida normal, sem muitas extravagâncias, até o momento em que as coisas começaram a mudar – pequenas coisas, como por exemplo o governo, que, sem ninguém perceber, tirou o direito das mulheres de terem acesso ao seu próprio dinheiro e, assim, aos poucos, vamos entendendo o que culminou no Depois. “Imagino que tenha sido assim que puderam fazer, da maneira como fizeram, tudo ao mesmo tempo de uma só tacada, sem que ninguém soubesse com antecedência. Se ainda tivesse sido dinheiro vivo, que se tivesse em mãos, teria sido mais difícil.” (ATWOOD, p.208, 2003).

Então, após a retirada do direito ao próprio dinheiro, acompanhamos quando as mulheres são retiradas das escolas e da universidade, depois do trabalho, e a seguir são privadas da liberdade de ir e vir sozinhas (sempre necessitando de um pai, esposo ou acompanhante para andar na rua). O Depois ocorre quando Offred, seu marido e sua filha, estão tentando escapar do país com passaportes falsos, mas são pegos, e, numa tentativa de fuga, a família é separada.

Offred então acorda onde era uma antiga escola estadual que então serve para ensinar os novos modos às mulheres, suas novas posições, seus deveres etc.

Antes de prosseguir, gostaria de discutir um pouco sobre o real na literatura, pois até então os eventos citados, apesar de terem sido reais em algum momento, não são possíveis de acontecer simultaneamente em espaço-tempo tão curto, ou são? Para responder a essa pergunta precisamos nos atentar ao que é real na literatura. E o que é o real na literatura, afinal, seria a não ficção? Como podemos rotular o conteúdo de um livro sendo real ou não? Seria *O conto da Aia* considerado um livro insólito? Sim, *O conto da aia* é um livro insólito, porém os acontecimentos nele citados fazem com que ele se torne quase um primo mais velho renegado pela família de nossa realidade, e o que nos resta esperar é que tomemos as decisões certas, para que no futuro não nos encontremos como ele.

“Para comprender las implicaciones de esa confrontación entre lo real y lo imposible, es necesario empezar por examinar qué idea de realidad estamos manejando. Porque lo fantástico vá a depender siempre, por contraste, de lo que consideramos como real.” (ROAS, 2011).

O real, na literatura, é aquilo que se conforma com o paradigma da realidade pela obra literária. Em *O Conto da Aia*, apesar do ponto de vista pessimista, os acontecimentos ainda são aceitos como verossímeis em relação a nossa realidade, pois independente do paradigma deistópico dos quais esses acontecimentos são resultados na narrativa, eles ainda se mantem presentes em nossa realidade sem a necessidade das implicações políticas que os personagens sofrem. Até o século XVIII eram compreendidos como real: a ciência, a religião e a superstição. Eventos e efeitos sobrenaturais eram considerados extraordinários, mas não impossíveis até então. A partir do século XVIII, com o Iluminismo, entramos na era do racionalismo, tornando então tudo aquilo que a razão poderia comprovar como real; o resto, como fantástico.

Achei muito interessante o fato de que fenômenos sobrenaturais, místicos, que hoje são considerados por muitos impossíveis e coisas da imaginação, terem sido considerados pertinentes o suficiente para serem reais na literatura. Isso prova que o “real” na literatura corresponde ao paradigma de códigos aceitos como parte da realidade em uma determinada época e cultura. Temos um exemplo disso no próprio livro de Margaret Atwood, quando a personagem principal debate, consigo mesma, como que ela era mais livre Antes. “Era assim que vivíamos então? Mas vivíamos como de costume. Todo mundo vive, a maior parte do tempo. Qualquer coisa que esteja acontecendo é de costume. Mesmo isto é de costume, agora.” (ATWOOD, p.71, 2003).

Candido aborda, entre outros temas, dois aspectos em relação à literatura. São eles: até que medida a arte é uma expressão da sociedade e até que medida a arte se importa com os problemas da sociedade. Como outros artigos já debateram, *O Conto da Aia* claramente traz para a mesa o debate da questão de gênero, os papéis da mulher e do homem na sociedade e a desigualdade de gênero. Mas será que ele é só isso? Uma crítica, uma abertura ao debate?

Durante a minha leitura, absorvi as palavras escritas em cada página como uma caricatura da sociedade moderna, percebendo que todos os cargos designados a cada casta de mulheres refletem, de modo mais explícito, como ainda nos organizamos, mesmo que de modo inconsciente, em sociedade seja dentro ou fora de casa. Temos as responsáveis por manter a organização material da casa, seja por meio de alguém que seja contratada, pela mãe, avó ou filhas; temos então alguém responsável por fornecer o apoio emocional para as pessoas da família; alguém responsável por manter a família crescendo e alguém responsável por sustentar a família. Noto que, ao longo da conquista das mulheres por espaço fora de casa, elas ainda permanecem com uma enorme carga dentro do sistema do lar, tendo em vista que não há uma luta da parte dos homens para estarem mais presentes dentro de casa, em deveres domésticos.

Essa caricatura que *O Conto da Aia* apresenta permite então que possamos caracterizar a narrativa como uma alegoria. Popularmente dizemos que um livro serve como metáfora, ou que um livro é uma metáfora, o que seria errôneo. Um livro, por se tratar de um texto mais extenso, deve ser chamado de alegoria, e não metáfora já que a última implica algo breve, rápido de se entender, raso de certo modo. A alegoria implica um sistema mais estruturado e desenvolvido e, por isso, mais profundo. Etimologicamente, do grego, *allegoría* significa “dizer o outro”, “dizer algo diferente do sentido literal”. CEIA, 1998 e para ser entendida, a alegoria depende sempre de uma leitura intertextual para captar o verdadeiro sentido por trás dela, por mais óbvio que ele possa parecer. Candido afirma que a literatura se entrelaça com os sistemas da sociedade, sendo quase um versão rebelde da mesma ordem: “A literatura é pois um sistema vivo de obras, agindo uma sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a.” (CANDIDO, p.74, 1980).

Voltando então à proposta inicial deste ensaio, como a literatura, mais em específico o gênero distópico, funciona como alegoria? E por que *O Conto da Aia*? Acredito que, para mim, é uma leitura fácil na qual podemos identificar os objetos de crítica de modo imediato. Mas, para além disso, conseguimos de fato enxergar o que Candido diz em relação à literatura não ser só um produto da sociedade, mas também possuir o poder de afetá-la, e como o escritor é uma ferramenta moldada pela sociedade em que vive. Logo, concordo então que existe uma relação de co-dependência entre arte e sociedade, já que a arte depende do seu entorno para ser

tanto produzida quanto entendida, e a sociedade depende da arte de modo mais profundo, como um espelho que aponta o dedo. Como Nietzsche (1894-1900) argumentava, precisamos da arte para não morrer ou enlouquecer perante as verdades de nosso mundo, mesmo que a arte que consumimos seja em linhas exageradas uma representação da própria. (2008)

Em suma, a arte depende integralmente do escritor e de seu ambiente social, tanto para ser produzida quanto para ser consumida. Toda forma de literatura representa, de certo modo, o ponto de vista do escritor sobre contexto vivido pela sociedade em que estava inserido, na época em que a obra foi produzida. A literatura necessita de certos componentes para ser realmente compreendida. Em *O Conto da Aia* temos vários aspectos permitem que diferentes mulheres, e pessoas de diferentes núcleos, possam sentir, e realmente compreender os aspectos que envolvem essa sociedade narrada no livro, tão paralela e parecida com a nossa. Para von Wiese, o público nunca é um grupo social, sendo sempre uma coleção inorgânica de indivíduos, cujo denominador comum é o interesse por um fato. (*apud* CANDIDO, p.76)

Portanto, se tratando de uma narrativa em que há aspectos de perseguição religiosa, opressão e subordinação das mulheres, abuso de poder, uso da religião como desculpa para atos de violência entre outros aspectos, não só de estados autoritários, mas de sociedades com divergências de direitos e liberdades, tanto em aspectos legais ou em aspectos da própria comunidade e da cultura, creio que *O Conto da Aia* seja um bom livro para vislumbrar como os acontecimentos, ilustrados por romances distópicos, não são nenhum pouco distantes da realidade em que vivemos, visto que a literatura imita a realidade, e a realidade enfim parece se abastecer esteticamente das produções artísticas. Os romances distópicos podem, mesmo, servir como um alarme de incêndio para trazer luz ao pior cenário do que pode acontecer se não tratarmos dos problemas enfrentados o quanto antes, da melhor maneira possível.

3 CRIATIVO

PRÓLOGO

Os raios iluminavam a noite, e a tempestade cantava os fracos de alma para longe, os gritos dos trovões anunciavam a vinda de uma nova era. O nascimento da nova força, uma nova legião de naurú, foi como a Grande Mãe anunciou; ela que nunca falava, nunca acordava. Por meio de uma centenária araucária ela decidiu despertar. A árvore, em toda a sua magnitude anunciou, a voz forte como seu tronco. Poucos estavam por perto, mas ela podia ser ouvida de longe, e as palavras ficaram gravadas em um de seus galhos mais altos para não serem esquecidas. Por anos os que se aventuravam a ler a poesia derramaram sangue para poder vislumbrar suas letras brilhantes como o raio que a atingiu, e quentes como fogo.

Da Terra nascerá uma guerreira
Do Fogo ressurgirá uma lenda
As Ondas lhe trarão esperança
Os Ventos evitarão uma matança.

As palavras memorizadas pelos sábios que seguiram, arrogantes esperando que seriam eles a treinar as lendas. Mas foi somente quando perderam a crença, quando a lenda foi quase esquecida que eles vieram. Um raio atingiu a araucária no nascimento de Bruno, uma enchente a alimentou no nascimento de Yara, um vento tão forte brandou no nascimento de Miguel, a árvore quase não resistiu; e finalmente a araucária acordou de novo no nascimento de Gaia. E mais uma vez falou, todo o sul de Barkino ouviu, e como poderiam não ter ouvido?

Crianças serão roubadas e jovens esquecidos
Rios de lágrimas derramadas
Mensagens aos ventos
Rostos queimados
Armas de lama
Um choro e um grito
Corrompidos serão
Mas quais permanecerão?

CAPÍTULO UM

A água refresca meu corpo. No verão, debaixo do sol forte, eu poderia gerar um incêndio. A Mãe foi quem me alertou para ficar sempre perto de uma nascente nos dias de muito calor: "Haverá coisas que te afetarão mais que aos outros, minha filha." Ela disse isso pouco antes de se juntar à Terra. O verão é uma dessas coisas. Quanto mais seca eu ficar, mais perigo eu represento, especialmente em dias de calor como hoje.

Os peixes nadavam ao meu redor, as barbatanas brilhando a cada impulso. Acompanhando-os, mergulhei; fiquei submersa até meus pulmões reclamarem. As árvores dançavam quando voltei à superfície, e a breve brisa de verão cantava junto aos pássaros. Uma cabeça vermelha apareceu entre as folhas, me chamando a atenção.

"Não sabe que é feio espiar uma dama?"

"Sim, mas não vejo uma por aqui."

Bruno me mostrou os dentes afiados através de seu sorriso sarcástico.

"O que tu quer, traste?"

"Vem pra fora d'água que eu te conto."

"Não, obrigada."

Sua cara de predador não me assustava mais, pelo menos não tanto quanto quando éramos crianças. Mas seus dentes afiados e olhos acobreados que às vezes se escondiam atrás do cabelo cor de fogo ainda me causavam um frio na barriga.

Com a mão estendida, pedi para um galho se estender e trazer meu vestido para perto de onde eu estava. Bruno teve ao menos a decência de se virar quando eu comecei a me aproximar da beira do lago.

"Não suponho que esteja aqui para tomar banho, e muito menos para usufruir da minha companhia."

Eu começo, o vestido prende nas partes molhadas da minha pele, e a pouca nudez em frente a ele me estressa.

"Pelo menos concordamos em algumas coisas."

"Então?"

"Estão convocando uma reunião," ele diz sério, os olhos cor de cobre fixados em mim, "com todos vocês, precisamos que achem um de nós." Estranhei, fazia tempo que um dos filhos do Sol não desaparecia, ou fugia como os mais velhos tanto afirmavam.

"Quem foi dessa vez?"

Ele se virou e começou a andar em passos largos. Quase tive que correr para acompanhar. A fumaça saindo de sua cabeça e o peso de seus passos me diziam que era alguém próximo dele, mas quem?

“Se tu continuar fumegando vai incendiar a mata”.

Resmungando, ele acelerou o passo, se afastando de mim o máximo que conseguia. Observando o rastro que ele deixava no chão, comecei a rezar para acharmos água logo, e muita. Passamos as cabanas e seguimos para o centro do vilarejo. Uma cocheira estava por perto – era só esperar mais um pouco. “Água! agora.” ele não parou, nem sequer fez menção de ter ouvido. Estendi minha mão e as raízes o levantaram do chão pelo torso. Balancei meu pulso em direção à cachoeira, e ele foi junto. Embaixo da corrente de água se ouvia o fogo apagando. As raízes o viraram de cabeça para baixo. Ele pedia para eu parar, mas era difícil conter minhas risadas com suas súplicas engasgadas.

Depois de ter avançado alguns metros o soltei dos galhos. Cheguei ao Parque Oblongo antes que ele tivesse a chance de me alcançar. A atmosfera estava pesada quando me juntei ao círculo de reunião – todos os quatro sábios estavam presentes, e todos os filhos do Sol também, o que era raro. Bruno, atrasado e totalmente encharcado, me lançou um olhar raivoso e se dirigiu ao centro, perto do altar de todos os elementos. Se posicionou junto à sua mãe e ao seu sábio, em frente ao pequeno círculo de pedras que representava o fogo.

“Mais um de nós foi levado hoje,” a voz de Sebastião, representante dos filhos da Nascente, reverberou por todos nós, carregando raiva e pesar, “dessa vez foi um de nossos pequenos.” O campo se encheu de choros e cochichos apavorados, outros indignados. Os pais apertavam suas crianças próximas de si. Procurei pelos chifres de Mathias e fiquei aliviada ao vê-los. Meu irmão estava perto de nossa mãe, e todos os seus amigos estavam com seus pais. Bruno endireitou a postura, e com sua voz flamejante prendeu a atenção de todos nós. “Minha irmã, Solange, foi levada nesta madrugada.” Sua raiva esquentava o ar, o calor que ele exalava chegava em mim, não forte o suficiente para queimar, mas quente o suficiente para eu sentir um cheiro de fumaça.

Uma mulher de pele escura e cabelos vermelhos segurando um pedaço de pano nas mãos se aproximou dele. Ela se portava igual a ele. Ou ele que se portava igual a ela?

“Pedimos, por favor, que nos ajudem. Gaia, sabemos de seus poderes. Se pudesse procurar Solange, seremos eternamente gratos!” Sua voz era tão potente quanto a dele, só que mais doce, maternal.

“Uma criança se foi dessa vez. Isso prova que os outros que sumiram não fugiram!”

“Isso é assunto para outro momento. Devemos focar em achar a criança agora”. Sebastião interveio, seus olhos azuis estavam turbulentos e seu rosto firme.

“Quem disse que eles não levaram ela junto?” Uma voz fina ressoou ao nosso redor.

“*Quem foi o idiota que disse isso?*”, o vento sussurrou no meu ouvido de maneira sutil. Assoprei nele minha resposta antes de ele escapar. A risada estridente de quem fez a acusação ressoou na floresta, chacoalhando os galhos. Os filhos da Nascente tentavam conter o fogo que alguns filhos do Sol estavam exalando. Em poucos segundos a dona da voz engasgou, sendo levantada no ar por um envolto de fumaça preta que a levou cara a cara com Bruno.

“Tu tem muita coragem fazendo esse tipo de acusação.”

“*Óbvio que ia ser ela, a guria não consegue segurar uma opinião dentro da boca*”. O vento disse entre meus cabelos, mas eu não conseguia tirar meus olhos da cena diante de todos nós.

“A mula-sem-cabeça aprendeu novos truques então?”

Dessa vez Bruno não permitiu que ela gargalhasse. A fumaça escura entrou pela boca dela, sufocando qualquer som que ela tentasse emitir. A cada segundo que se passava, ela piscava mais lentamente. Seus olhos demoravam cada vez mais para abrir, enquanto os olhos de Bruno queimavam em fogo ardente, que crescia cada vez mais.

“Chega.”

Erguendo um tronco do chão, Tiago, o sábio dos filhos da Grande Aci, resgatou Yara das garras da fumaça. Bruno não tirava os olhos dela; neles, um aviso.

Se ela tivesse forças teria estremecido e, apesar da raiva não estar sendo direcionada a mim, eu sentia meu corpo com vontade de recuar. Firmei meus pés no chão de modo inconsciente.

“Todos iremos ajudar a procurar ela, inclusive Gaia” Eu acenei minha cabeça para eles, e com isso a reunião foi concluída.

Hélio, o sábio dos filhos do Sol, um senhor de cabelos e barba vermelha, orientou que quem quisesse ajudar poderia procurar ele ou um membro da família. E apesar da situação horrível, não pude deixar de pensar que Bruno estava à mercê de mim.

Eu ansiava exigir algo em troca. Ele não iria recusar, não poderia. Já que sua princesinha estava em um lugar que era de minha total jurisdição.

CAPÍTULO DOIS

Assim que o resto da tribo liberou o local, me juntei com os sábios e a família de Bruno. Com o manto roxo de Solange em minhas mãos, me permiti desabrochar a minha conexão com a Terra. Meus joelhos tocavam o barro úmido, o cheiro de água em movimento vindo da cachoeira. O vento carregava vozes, e a sombra de um grito ajudava no farfalhar das folhas. Tiago me aconselhava, sua voz mais perto que as outras e sua mão em meu ombro. Ele era o mais jovem dos sábios, mas ainda conseguia ser uns bons anos mais velho que eu. “Não te preocupa com isso agora. Foca na tua tarefa.”

Respirando fundo, foquei na Terra, sentindo ela me consumindo. Meus dedos do pé enterrados no barro nos unia em uma só, e eu conseguia sentir tudo e todos ao meu redor. A sensação era muita. Tentei focar em uma única coisa: na umidade do solo. Os adultos ao meu redor estavam preocupados e ansiosos, muito oscilantes, fazendo com que seus poderes vazassem pelos olhos. Bruno, por outro lado, conseguia conter todo o nervosismo dentro de si, fazendo as veias ficarem cada vez mais aparentes e vermelhas. O calor dentro dele...

“Acha ela. Acha ela.” A voz dele soava como um eco, em uma caverna funda e vazia.

O manto tinha um cheiro de algo doce queimado, como quando acendemos canela para atrair alguém, ou algo. Foi nesse cheiro que eu foquei – ela esteve por aqui e os resquícios do cheiro ainda estavam no ar. Fui mais a fundo. Atravessando a camada mais superficial da Terra, eu conseguia ir mais rápido. As histórias daqueles que passaram por aqui querendo ser ouvidos tornava a busca mais difícil. Entre ossos, tesouros e histórias escondidas eu achei seus pés na areia, os dedos enterrados nela. Um cavalo estava por perto. Era grande e forte. Muito forte. O som das ondas ecoava nos meus ouvidos, junto ao canto das garças e o relinchar do cavalo ao fundo. Os sons se aproximavam. Eu podia sentir ela mais próximo.

Fiz da areia minhas mãos. Toquei levemente seus pés, para não assustá-la. Antes que conseguisse fechar meus dedos ao redor de seus tornozelos, ela foi arrancada de mim, e, assim como ela, o cavalo já não estava mais na areia.

A volta foi lenta. Passar por todas as histórias ignoradas era tortuoso. Elas falavam mais alto, irritadas por não terem sido ouvidas, e me puxavam com mais força. Eu precisava achar o meu corpo e voltar para ele o quanto antes, e apesar de não conseguir senti-lo, um calor me abraçava. Segui o solo quente e me agarrei ao calor sem me preocupar com o que estava à minha frente, até que enfim senti meus dedos do pé fundidos na Terra por perto. Consegui me guiar até o topo do meu corpo. Quando voltei à consciência corpórea, meus olhos lacrimejavam – a

água esverdeada. O manto em minhas mãos foi consumido por flores laranjas, e um círculo tinha sido formado ao meu redor, troncos e arbustos tomaram o formato uma bolha protetora com lavandas se infiltrando por todos os espaços vazios dos galhos. Vozes começaram a falar ao longe, mas eu não conseguia me concentrar no que elas diziam. Respirando fundo, os galhos me permitiram apenas uma pequena passagem que se fechou logo após eu ter atravessado.

Meus joelhos cederam e, antes de eu atingir o chão, Tiago me segurou, envolvendo meu tronco em seus braços.

“Conseguiu?”, ele sussurrou em meu ouvido.

“Ela tá lá pra cima, nas praias azuis.”

“Sozinha?”

Olhei para a matriarca preocupada. Ela não sabia que resposta era mais preocupante. As praias azuis não tinham dó com os filhos do Sol, fosse criança ou guerreiro. O mar não era conhecido pelo perdão.

“Não, ela está com alguém. Mas não sei quem é. Não estava em terra.”

A fúria de Bruno fazia a minha pele formigar. Recuei conforme ele avançava. O chão virava carvão sob os pés dele.

“Cuidado com o que tu vai fazer, guri”, eu avisei “queima mais essa terra, e a tua irmã tá perdida para sempre.”

“Não me ameaça, graveto.”

A audácia dele me irritava.

“Bem, pelo menos sabemos que está viva, e para onde ir agora.” Tiago agradeceu, e me dispensou. Os adultos iriam resolver agora, ou pelo menos tentar.

“Eu não preciso.” sussurro para que a brisa que passa carregue a minha voz até ele. À beira da cascata, Sávio me espera, e já deve saber do ocorrido.

CAPÍTULO TRÊS

O frescor da cachoeira me recebeu com seu sopro gélido. O som da água batendo nas pedras apaziguava a minha mente das lembranças dos mortos que eu havia encontrado. Meu amigo, redondo e com as costas cobertas de musgo, me esperava na beira. As borboletas ao redor de seu nariz não se importam com a brutalidade de sua estatura – o nariz de pedra irritado com o pólen que elas traziam consigo.

“Sávio!” ele levantou ao me ver. As borboletas ligeiramente espantadas logo voltaram a voar ao seu redor.

“Minha guria, eu soube o que aconteceu. Está bem?”

“Estou sim, obrigada, Sávio. Mas a criança...” ele estendeu a mão para mim. Era dura e cinza, e possivelmente o dobro do tamanho da minha cabeça. Estendi a mão para ele e segurei seu dedo mindinho. Uma flor rosa brotava em sua unha. “Eu gostaria de lhe pedir um conselho, se possível.”

“Você sabe que depende do conselho, minha guria.”

“E se estiver mais para uma opinião?”

“Diga, minha guria.”

“Eu procurei por ela, e eu achei, mas antes que eu pudesse trazer ela de volta, ela se foi.” Seus olhos gentis não desviavam dos meus. “Eu não sei se consigo procurá-la tão cedo sem me perder, e acho que quem quer que tenha levado Solange sabe que estamos atrás.”

“Entendo, querida, mas aonde você quer chegar?”

“E se eu pedir ajuda para um dos lobos?”

Seu peito subiu e desceu. A respiração forte me assustou. Apesar de eu achar que ele concordaria, o medo de ele reprimir minha ideia ainda cercava meus pensamentos. As árvores que se fechavam ao redor da floresta pareciam ter escutado meu questionamento, – se concordavam ou criticavam era difícil saber.

Muito tempo se passou sem uma resposta, e logo eu entendi o porquê. Os lobos-guarás estavam se aproximando, e a matilha toda de pouco a pouco nos cercou. Algumas ninfas se juntaram, observando.

“Tens de perguntar a eles. Sabes disso.” A voz de Sávio era calma, e, apesar de ser antiga, permanecia forte. Ele já sabia o ritual e já havia participado dele antes. Não era proibido, mas era fortemente evitado.

O sangue pulsava forte em suas veias. A antecipação das duas criaturas era vibrante. Cada segundo que passava aumentava a sincronia dos dois corações. O sol se tornava mais quente, os sons mais altos, o fedor das carcaças mortas se tornava mais pútrido e o cheiro das flores mais doce. Mais rápido que esperavam um se tornava o outro, as mãos e os pés se conectando com as patas, uma coluna se conectando com a outra, a nova sensação de um rabo e da falta do mesmo. As juntas diferentes, as orelhas peludas de um e a falta de pelo no corpo do outro. Os dentes afiados demais e uma boca pequena demais. Até que enfim os pensamentos, uma cabeça cheia de palavras e frases extensas e complicadas, preocupações demais com o mundo ao seu redor. A outra, afiada, focada em apenas um objetivo agora – ajudar sua nova parceira de duas patas como fosse necessário. Não tinha mais volta, agora estava feito. Lealdade eterna.

CAPÍTULO QUATRO

Um trovão seco estourou, o roxo mesclando com o azul do céu limpo. Uma criança chorava enquanto o lobo vermelho uivava. Os olhos dele eram verdes como a grama, com traços marrons. Parecia que o lobo carregava no olhar as raízes de sua força. Atrás dele uma árvore se estendia, cada vez maior, um tronco grosso e ancestral, galhos altos e inalcançáveis. Os galhos desciam, e desciam. Quanto mais eu tentava me afastar, mais perto eles chegavam, até que enfim conseguiram me agarrar, me prenderam. Eu tentava me soltar queimando os galhos, mas eu ficava cada vez mais ofegante. Nada parecia funcionar e a árvore parecia apenas rir de minhas tentativas, absorvendo as chamas como se fossem sua fonte de alimento. Quanto mais eu gritava, menos eu via. Os galhos raspavam minha pele como lâmina, derramando meu sangue impuro em solo sacro.

Acordei aos prantos, as lágrimas queimando minhas bochechas. As paredes de metal do quarto estavam avermelhadas por conta do calor, mais uma vez eu quase havia incinerado o recinto.

CAPÍTULO CINCO

“Você deve protegê-lo agora.”

“Sim.”

“Independente de qualquer coisa, de onde tu estiveres ou com quem.”

“Eu sei.”

Apesar de saber, eu ainda não conseguia sentir o real peso da responsabilidade, mas eu sabia que aquilo não iria durar muito. Logo mais um de nós seria chamado, e eu temia ser a primeira a ter que responder.

Assim que a matilha dele se dispersou, ficamos a sós, e lhe ofereci o pedaço de pano roxo para que ele pudesse cheirar. Minha tarefa agora era sua, – nosso cargo e nossa responsabilidade. Os mais velhos não iriam gostar nada daquilo, mas havia muitas coisas das quais eles não gostavam ou que aprovavam. Não significava que éramos impedidos de fazê-las, apenas que nos sentíamos muito, muito desencorajados.

Ninfas transformavam a água em arte em meio a gargalhadas, se divertindo com os peixes correndo pelo rio. A brisa leve batia em meus cabelos trazendo o cheiro doce da primavera consigo. Conseguia senti-lo correndo, o calor em suas veias e o seu coração batendo forte. Será que ele conseguia sentir a calma de meu corpo assim como eu sentia a paz de sua mente? Ou será que ele também se perdia na agitação de meus pensamentos?

Bruno parecia não largar do meu pé nos dias que seguiram, sempre perto de mim, e cada vez que me olhava seu olhar ficava estranho. Ele tinha um nariz grande mas eu duvidava de que era capaz de cheirar o que eu estava sentindo. Enfim, ele não se aguentou. Enquanto eu tentava conversar com as árvores, ele me interrompeu.

“O que tu tá escondendo?”

Abri meus olhos e Bruno estava mais perto do que eu gostaria.

“Bom dia, Bruno. Tudo bem comigo, sim. Obrigada por perguntar.”

“De nada.”

Respirei fundo e voltei a me concentrar. Conseguia sentir as raízes mexendo embaixo de mim.

“Eu posso sentir, tem algo de diferente.”

“É meu novo penteado, gostou?”

“Gaia...”

“Não é nada.”

“Tu achou alguma coisa? Sobre Solange?”

“Não, e sabia que tu tá me atrapalhando?”

“Me responde.”

“Eu já te respondi.”

“Não, eu não acredito, tem alguma coisa diferente. O que é?”

“Bah, guri, como tu é chato”

Ele continuou parado. Quando abri os olhos, esperava ver ele sorrindo de orelha a orelha, pronto para revidar, mas o que eu encontrei foi um olhar sério. Seus olhos inquietos não deixavam o meu, e isso, sim, me assustava.

“Olha,” chequei se estávamos sozinhos, “tu não conta pra ninguém certo?”

“Depende.”

“Depende nada, ou tu não conta ou eu que não te conto.”

“Ta o que é?”

"Promete?"

Sua hesitação me irritava. Mas Pedro não me devia nada, afinal qualquer pista que eu achasse sobre Solange teria de ser compartilhada com os sábios. Depois de demorar mais do que eu achava adequado, ele se sentou à minha frente, tomando minha mão na sua. Não poderíamos arriscar o vento sussurrando minhas palavras, então, entrelaçando seus dedos nos meus, sussurramos na mente um do outro. Lhe mostrei o que havia feito. Mostrei os lobos se reunindo em minha volta.. *Eu fiz o ritual. Eu estou ligada ao lobo vermelho.* Seus olhos abriram e neles chamuscas calmas me cumprimentaram. *Ele foi atrás dela. Assim que ele achar, ela estará segura, comigo.* Sua voz turva me acariciou a mente. *Gaia, me promete que vai falar comigo assim que receber uma notícia. Antes de qualquer um.* Seus joelhos estavam quentes, e muito próximos dos meus. Me perguntava o que ele faria se nossos joelhos tocassem, o que aconteceria. *Sim.* Foi tão quieto. Pensei que ele não iria captar a mensagem, mas captou. Levantou e agradeceu. O cheiro de grama queimada nos lembrou do perigo de suas emoções. Onde ele havia sentado se acomodava uma leve brasa já apagada.

CAPÍTULO SEIS

O cheiro dela estava no ar, misturado com algo mais, algo forte e pesado. As minhas pegadas deixadas no mato aberto agora seguiam um mato mais fechado, escuro e traiçoeiro. As árvores mudavam de forma, e a areia mudava de cor. Um relincho ressoou, e asas bateram, e com isso as folhas estremeceram.

Acordei com a voz de minha mãe ao fundo. Um suor gélido tinha se acumulado na minha testa e eu estava ocupada demais tentando achar uma roupa limpa para prestar atenção no que ela dizia.

“Filha?”

“O que foi?”

“Sumiram dois meninos.”

“Dois?”

Menos de uma semana e mais um desaparecimento. Me arrumei rápido e corremos para o Parque Oval: as famílias reunidas, os pais segurando as crianças o mais perto possível, os filhos mais velhos um pouco afastados. Alguns pareciam mais cansados que os próprios pais.

“Eu quero saber onde estão os meus filhos!”

“Nós também, Amanda, e vamos fazer o possível para achá-los.”

“Eu não preciso do possível, preciso de meus filhos!”

Ela olhava ao redor, procurando algo, ou melhor, alguém. Quando seus olhos pousaram em mim, ela veio correndo em minha direção, tomou meus ombros em suas mãos, me apertando forte.

“Tu. Achaste algo da outra menina? Consegue achar meus filhos?”

“Eu não encontrei ela ainda, e não garanto que consigo encontrar eles, não agora pelo menos.”

Ela não deixou de me encarar, as mãos ainda firmes nos meus ombros.

Miguel assegurou a ela “Vamos achar eles, mãe, venha.” os cabelos pretos-azulados bagunçados.

“Desculpe, Gaia”. Ele sussurrou, eu dei um sorriso fraco em resposta.

Como da outra vez, após todos se reunirem, os sábios tomaram a decisão final. Prometeram que iriam fazer o possível para achar os gêmeos desaparecidos, assim como estavam tentando achar Solange. Murmúrios concordando e discordando encheram a multidão. Grupos de busca se organizaram e partiram para onde os meninos tinham sido vistos por último. Os sussurros de “Eles não podem ter ido muito longe” e “Espero que não tenham se separado” rodeavam o ar, o vento levando e trazendo conversas. Cães de caça foram convocados para ir

atrás dos meninos, mas se quem pegou Solange também era responsável por isso, duvido que seriam capazes de acompanhá-los.

Do outro lado do círculo, Sebastião me chamou. Seus gentis olhos azuis acalmavam meus nervos, mas não o suficiente.

“Como está, minha criança?”. Ele tomou meus ombros nas mãos e nos afastou dos pais ao redor, dos outros sábios também.

“Tão bem quanto eu posso estar num momento como este.”

“Sim, sim. Claro,” seu comportamento nervoso me incomodava, “acha que podes achá-los. São dois, talvez seja mais fácil”.

“Desculpe, Sebastião, mas eu ainda estou um pouco fraca, não acho que consigo, não agora pelo menos.”

“Tem certeza? Talvez se tu te esforçasses um pouco mais.” Sua mão desceu para o meu cotovelo, apertando de maneira sutil.

“Sebastião, eu não acredito que agora seja o melhor momento. Talvez em alguns dias.” Seu aperto continuava firme, e o chão ao redor dos meus pés se tornava lamacento e pegajoso. Mesmo eu me inclinando para trás, ele não largava de mim.

“Vamos lá, me mostre como tu faz, talvez eu possa ajudá-la?”

“Eu...”

“Estou interrompendo algo?”

“Bruno, o que queres aqui?”

“Tiago pediu para que o senhor se juntasse aos grupos de busca, afinal os gêmeos fazem parte do seu domínio”. Suspeitando das palavras do ruivo, Sebastião me soltou devagar, relutante.

“Certo”, ele se afastou, e eu consegui recuperar o fôlego.

“Eu não precisava da tua ajuda.”

Bruno cerrou os olhos. “É, tava bem claro que não. Da próxima vez deixo ele te levar para onde ele quiser.”

“Por favor.”

“À disposição, flor.”

“Traste.”

“Oh, suas doces palavras me tocam.” Bruno segurava a mão em cima do coração, piscando o olho esquerdo. Faíscas pareciam sair dele. “Alguma novidade?”

Pensei no sonho que tive com o lobo, as árvores mudando, crescendo e se fechando. Fiz que não com a cabeça. Nada que fosse de muito útil no momento.

Ele acenou com a cabeça e em passos largos se foi rapidamente. Acompanhei com o olhar seus pés apressados, quase tropeçando por vezes, até ele parar em frente ao lago e se jogar dentro. A água borbulhou ao seu redor. As ninfas da água riam e dançavam em sua volta, lindas com as caudas reluzentes. Outras tinham pernas e descansavam sob o sol; será que elas o sentiam? Se sim ou não eu não saberia, mas que elas gostavam de sentir Bruno, isso eu sabia, envolvendo ele em suas brincadeiras e danças aquáticas, tocando em seus ombros, seus braços...seu peito. Eu não as culpava, ainda mais quando ele saiu em toda a glória do lago, cabelos úmidos e a roupa molhada colada no corpo. Elas riam, e eu só assistia.

CAPÍTULO SETE

Ter procurado Solange e logo após ter feito o ritual Xamânico de unificação fez o cansaço tomar conta de mim. Apesar dos dias que se passaram, eu ainda sentia fadiga. Mas era preciso voltar aos trabalhos, mesmo que fosse aos poucos. Então me juntei aos outros na colheita de frutas. Enquanto eu colhia goiabas e as colocava no cesto, meu irmão Mathias corria com as outras crianças ao redor da clareira, Por conta dos desaparecimentos, sempre tinha um adulto por perto das crianças.

Meu irmão se destacava dos outros. Seus chifres eram chamativos, assim como a minha pele que por vezes se tornava cascalho. Sempre me preocupei com ele, mas as crianças não foram maldosas a ponto de ele se tornar defensivo, não ainda pelo menos. O mesmo já não podia ser dito por mim: foram poucos os que foram gentis comigo na infância. Minha mãe dizia que era coisa de criança, mas conforme os anos passaram e eu tomei consciência do que era capaz, as coisas se tornaram mais complicadas. As outras crianças da minha idade pararam de me perturbar, e passaram a me evitar.

Uma menina com o cabelo preto-azulado cochichou algo em seu ouvido. Suas orelhas ficam vermelhas e flores rosas cresceram em seus chifres. A guria riu e pegou uma das flores. Com um sorriso no rosto, eu continuei meus afazeres, Mathias não era eu. Separei algumas das melhores goiabas para Mathias, e outras para nossa família, o resto distribuí entre os outros. O dia estava calmo, mas não tranquilo. As pessoas se moviam sem muita pressa, sem muita convicção. A agitação parecia ter recaído toda nos jovens, que tentavam contê-la com medo de parecerem insensíveis.

A noite foi silenciosa, a maioria das famílias escolheu comer em suas próprias casas, sem deixar as crianças saírem de vista com medo de que a escuridão as visse.

CAPÍTULO OITO

Nem mesmo o sol foi capaz de protegê-las. Na manhã seguinte acordei com um grito entalado na garganta, mas o pesadelo que me despertou não terminou assim que eu saí da cama. Tinha chovido forte durante a noite, e o chão lamacento se agarrava nos meus pés, atrasando cada passo. A névoa estava baixa, e quando abri a porta quase tomei um susto tamanha a branquidão.

Com a névoa foi difícil enxergar Amana, nossa vizinha, vindo. Só consegui vê-la quando já estava bem perto de mim. “Gaia, mais uma sumiu, dos filhos do vento. Estamos indo para o Parque Oblongo.”

“Certo, vou chamar meus pais.” Com um aceno de cabeça ela foi embora. Já que não tinha filhos, deviam ter pedido que ela alertasse os outros. Entrei de volta em casa e acordei meus pais e Mathias, que se aprontaram rápido, e logo já estávamos reunidos com os outros.

O que antes eram cochichos agora se tornaram conversas em alto e bom som: “Onde estavam os pais quando isso aconteceu?”. “Como podem deixar que isso continue?”. “Precisamos colocar sentinelas a postos”. “Mas quem?”. “Os jovens, lógico!”. “Isso é absurdo, isso sim!”. “Precisamos de respostas agora.”

Os sábios estavam cansados e preocupados. Além de lidarem com o desaparecimento de seus pupilos, tinham que lidar com os pais inquietos também.

“Atenção!” A voz suave da sábia do ar rodeou a todos. Araceli era alta e delicada, seus movimentos graciosos como uma brisa de verão. Todos ficaram em silêncio.

“Infelizmente, um de meus pupilos se foi dessa vez. Ele está vivo. Sabemos disso graças aos ventos que vieram do norte. Acreditamos fortemente que seja a mesma pessoa, ou coisa, que esteja levando nossas crianças, então pedimos por favor que não deixem as crianças sem supervisão, e que todas estejam em casa antes do anoitecer.”

Houve murmúrios, mas a maioria concordou.

“Estamos fazendo o melhor que podemos para encontrá-los, mas precisamos ter paciência e fé nesse momento, entendem?”

“Sim!”

“Fé? Quero meus filhos de volta, isso sim!” Matina, a mãe de Miguel e dos gêmeos desaparecidos gritou, sua voz marejada.

“Sim, assim como temos fé em todo o resto, rezem para acharmos as crianças. Precisaremos de toda a ajuda que conseguirmos.”

“Faz anos que eles não se comunicam conosco!”

“Verdade!”

“Bem, talvez esse seja o momento por que tanto estamos esperando.” Seu tom não abria espaço para discussão. “Quem quer ajudar na busca venha comigo; o resto pode prosseguir com as atividades diárias.”

Procurei por Giovanna na multidão. Assim que a vi, segui em sua direção. Seus pais haviam se reunido na equipe de busca junto com a maioria dos pais.

“Amiga, tudo bem? Quem foi?”

“Irmã da Yara.”

“Bah.”

“Pois é.” Apesar de não gostar dela, não pude deixar de sentir pena. Primeiro a sua irmã mais velha, e agora a irmã mais nova. Não era justo, nem mesmo com ela. “Tu sabe, né?”

“O quê?”

“Que o próximo é um dos teus.”

Infelizmente sim, eu só preferia não pensar nisso. Fiz que sim com a cabeça, e pensei em Mathias.

“Não sai de perto dele amiga, se não...”

“Ninguém vai mexer com ele. Eu acabo com a raça de quem sequer tentar.”

“Eu sei, e eu tenho dó de quem tentar. Mas ainda assim.”

“Sim.”

Enfiei meus dedos do pé na terra e estendi minha consciência até onde meu irmão estava. Meus pais estavam a seu lado, minha mãe segurando os ombros dele, e meu pai o alertando para não ousar sair de perto deles em nenhum momento.

Me desconcentrei quando senti uma mão no meu ombro. Araceli me encarou com seus olhos cinzentos. Eu já sabia o que ela queria, e o que todos esperavam de mim aquele momento.

“Gaia, podemos conversar?”

“Sim,” me viro para Giovanna prometendo encontrar com ela depois. “O que foi?” Era sempre bom se fazer um pouco de sonsa. A mãe de Yara a acompanhava, os olhos marejados e inquietos.

“Gaia, será que tu poderias tentar achar a Janaína?”

“Araceli, posso tentar, mas não posso prometer nada.”

“Sim, sabemos, mas qualquer ajuda é bem vinda.” Acenei com a cabeça. Não me sentia pronta ainda, mas era difícil negar com a mãe da criança me olhando. Sebastião havia sido estúpido, e era fácil negar alguma coisa a ele, mas Araceli era gentil, maternal. “Vou buscar Tiago então, para te ajudar.”

“Certo, precisamos ir para o lugar onde ela desapareceu.”

“Sim, espere aqui.”

Araceli voltou acompanhada de Tiago, e da mãe de Yara e Janaína, a irmã mais nova de Yara. Juntos fomos à beira da cachoeira mais próxima à casa delas.

“Não sabemos ao certo, mas se ela desapareceu de algum lugar foi daqui,” disse a mãe das irmãs.

“Pedimos a todos que mantivessem as crianças em casa. O que ela estava fazendo fora?”

“Ela não sumiu de noite. Era dia, e ela foi dar uma volta. Era para Yara ter ido junto, mas pedi para ela me ajudar com uns afazeres,” sua cabeça estava baixa, “não achei, nem sequer imaginei que ela estaria em perigo na luz do dia.”

“Tudo bem, Amanda. Vamos fazer de tudo para encontrá-la.” Envolvendo ela em seus braços, as outras se afastaram de mim. Me aproximei da cachoeira e avistei Miguel mais adentro das árvores, seus cabelos loiros balançando. Devia estar falando com o vento, os ouvidos atentos a qualquer suspiro que pudesse dar uma luz na direção de Janaína.

Tiago se aproximou de mim, e juntos fomos até a beira da cachoeira onde a água encontrava a terra. “Cuidado,” ele sussurrou em meu ouvido, “lembra o que eu disse sobre água e terra?”

“Que era mais fácil de se perder?”

“Sim, é quase uma correnteza. Fiz isso só uma vez, e para uma distância bem pequena.”

“Isso é...assegurador.”

“Não é para ser. Tenta se segurar em algo aqui. Tenta achar um tronco ou um galho, o que for necessário para te fazer conseguir voltar.”

“E para me manter firme?”

Ele não respondeu. Colocou as mãos em meus ombros e me mandou ir. Com os olhos fechados, tentei me desconectar do meu redor e focar no que estava abaixo de mim. Algumas gotas d’água beijavam brevemente o meu rosto. Senti a água acariciar meus pés, e a terra sobre eles acordar e me receber; ajoelhando senti onde ela me queria e entrei. Tiago tinha razão: senti minha consciência se movendo de tal modo que eu não conseguia controlar. A força da cachoeira parecia me jogar cada vez mais para baixo, e mais e mais. Não tinha fim, não tinha onde se segurar e o som da água e das vozes, das histórias dos mortos e dos vivos dos novos e dos antigos me embalavam num sonho sonâmbulo, eu precisava me, me... O que eu precisava mesmo? Um tronco, isso, ou um galho. Mas não havia nenhum lá. Eu tentava e tentava puxar um mas não tinha, era só terra e água, gente e não-gente, e vozes. Muitas vozes, algumas

sussurrando, outras gritando, algumas cantando e outras que me davam calafrios de pensar por que soavam como soavam.

Quando finalmente consegui me agarrar em algo, que parecia um galho mas não era bem um galho, parecia mais uma raíz cheia de musgo, era escorregadia e logo abaixo havia uma pedra, agradei por isso, quando meus dedos escorregaram me fazendo cair, de novo. Consegui me equilibrar na pedra, e, agora que eu não estava caindo, recobrei um pouco as forças, e então olhei ao meu redor.

CAPÍTULO NOVE

Tudo ao meu redor era vibrante: a mesma água que havia me derrubado, lá embaixo, era rosa e exalava um perfume doce. As superfícies cintilavam como se houvesse pequenas pedras raras embutidas em cada espaço. As árvores, que se erguiam de cima para baixo, me exibiram cores das mais diversas e divertidas. Eu me sentia leve, muito leve. Com medo de me soltar e não conseguir voltar, me agarrei com força na pedra em que eu estava sentada. Inspirei fundo e tentei me concentrar de novo. Pensei em Janaina com seus cabelos pretos emaranhados, e os grandes olhos azulados, parecidos com os de Yara. Yara, ela estava em cima de mim, em algum lugar...se eu pudesse apenas sentir.

“Droga.” Ao meu redor tudo farfalhou, tudo. Não compreendi como isso era possível. Mas as paredes, as árvores, o chão e até mesmo as pedras pareciam ter ouvidos.

“*Droga.*” Uma voz ecoou à minha direita, muito baixa, e outra logo a acompanhou, mais alta.

“*Droga.*” E outra, e outra e outra. As vozes ficando cada vez mais altas. O eco reverberou por todo o lugar e também de todos os lugares, e na minha cabeça só se passava a mesma palavra, de novo, de novo e de novo.

Em meio aos berros que cresceram, era difícil pensar. Não havia nada ao meu redor para me agarrar, nada além das vozes. Então me concentrei em uma delas, a mais distante que eu encontrei, rezando para que me levasse mais para cima, e não para baixo. Esperei e me entrelacei na vibração fraca dos gritos. A voz, quase um sussurro, tinha sua origem em algo duro perto da cachoeira. Me agarrei no que parecia um pedaço de raiz muito fina, tomando cuidado para não deixar a corrente de água me levar para baixo de novo. Por pouco consegui escapar, senti gotas d’água baterem em mim, mas mantive a mente concentrada o suficiente para me equilibrar e voltar para cima. O retorno foi lento e as vozes não paravam em nenhum momento, finalmente o eco ficou para trás e meus obstáculos voltaram a ser os de costume: animais mortos e espíritos do mato. A volta, como sempre, desafiava mais que a ida. Quando finalmente cheguei à superfície, tive forças apenas para fechar os olhos e dormir.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Me encontro no fim do projeto, e no fim desta jornada na Escrita Criativa. Alguns anos atrás eu não esperava que fosse me formar em Escrita Criativa, e muito menos que passaria tão rápido, mas como meu pai sempre me diz: Cada ano que tu cresces o tempo passa mais rápido. E esse ano passou num piscar de olhos, quase não acreditei quando o semestre iniciou e eu percebi que seria isso, final do curso e entrega de TCC. Assim como alguns de meus colegas, tive o mesmo sentimento de nostalgia, tristeza e dúvidas. Muitas dúvidas: Para onde ir agora? O que fazer? Estou realmente pronta para o depois? Mas a gente nunca está. Ficamos prontas apenas quando o depois passa e olhamos para trás pensando: Ufa, sobrevivi. Agora a gente segue em frente, como sempre. Cabeça erguida, buscando a próxima aventura, a próxima inspiração. Porque esse não é um final definitivo, mas sim o começo de algo novo. E é com esse começo que eu pretendo finalizar a parte criativa apresentada neste projeto, a intenção é, que ao longo da narrativa as personagens principais se encontrem em um novo território, estranho para elas, no qual vai ser apresentado ao leitor, então, elementos distópicos nesse novo território. Por se tratar de um livro de fantasia que será dividido em dois espaços: a tribo em que a personagem principal vive e a tribo para onde as crianças desaparecidas vão, e lógico, com a intenção de publicar acredito que o livro acabara sendo dividido em duas partes.

Gostaria de me aprofundar, durante a escrita, mais ainda nos estudos sobre lendas e folclores tanto brasileiros quanto gaúchos, sempre foi algo que me interessou muito, e sinto que consumimos com muita frequência mídia estrangeira e para mim é um aspecto importante explorar as nossas diversidades culturais nesse quesito. Acredito que todo autor, quando escreve se redescobre, e desperta uma parte de si não antes conhecida, e em parte pretendo isso com a escrita deste livro. Despertar partes em mim, como o compromisso de um projeto extenso, a coragem de publicar meus textos e tantas outras coisas que descobrimos ao longo do caminho. Espero que esse fim me abra diversas portas para o meu novo início, assim como as portas que me foram abertas no meu início na Escrita Criativa, que vai ficar para sempre marcada em mim, e constantemente presente em quem eu sou. No que eu sou.

REFERÊNCIAS

[Livro]

ATWOOD, Margaret. **O conto da aia**. Tradução de Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Publifolha, 1980.

ROAS, David. **Tras los límites de lo real - una definición de lo fantástico**. Madrid: Páginas de espuma, 2011.

[Internet]

CEIA, Carlos. **Sobre o conceito de alegoria**.

Disponível em: <http://www.pgletras.uerj.br/matraca/nrsantigos/matraca10ceia.pdf>

Acessado em 16 nov. 2023.

HILÁRIO, . C. Teoria Crítica e Literatura: a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade. **Anuário de Literatura**, [S. l.], v. 18, n. 2, p. 201–215, 2013. DOI: 10.5007/2175-7917.2013v18n2p201.

Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2013v18n2p201>. Acesso em: 17 nov. 2023.

ALTENFELDER, R. A. DISTOPIA E MODERNIDADE: O PESSIMISMO TEM SEU LUGAR. **Revista Cerrados**, [S. l.], v. 29, n. 52, p. 85–107, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/29254>. Acesso em: 27 nov. 2023.

FLORES, Leandro. Nietzsche: “Temos a arte para não morrer ou enlouquecer perante a verdade” Café com Poemas, 2019. Disponível em: <https://cafecompoeas.com/nietzsche-temos-a-arte-para-nao-morrer-ou-enlouquecer-perante-a-verdade> Acessado em 27 nov. 2023



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br